

## SETE POEMAS DEDICADOS À VIDA DOS AGRICULTORES TIMORENSES

Vicente Paulino\*

A alma dos timorenses foi criada com o suor do corpo que se movimenta debaixo do sol ardente, a cavar a terra, sem descanso imediato, para a semear e plantar o arroz, milho, mandioca e outros produtos alimentícios. Essas almas, que são agora conhecidas como “almas dos agricultores”, sabem cultivar a terra em busca da prosperidade plena com consciência. Trabalhar na terra é um hábito dos timorenses que, na sua maioria, são agricultores por natureza, pois é a terra que sustenta a sua vida familiar. Segundo a cultura timorense, qualquer pessoa tem uma existência natural para além da ordem genética. Esta aproxima-se mais a uma genética cultural do que biológica.

Os agricultores timorenses têm uma forte ligação com o dualismo cosmogónico: o cosmo das divindades (ente supremo) e o cosmo dos espíritos dos antepassados. Do cosmo das divindades, temos o Ser supremo (*Maromak*) e os entes intermediários, que na sua maioria são entes da natureza (ex. montanha; rio, florestas, pedras, etc.). Estes, os entes intermediários obedecem à ordem divina do Ser Supremo. Já no cosmos dos espíritos dos antepassados, temos uma conectividade forte entre os vivos e os espíritos dos já estão em viagem para um outro mundo. Também estes, os espíritos dos vivos e dos mortos, subjazem à ordem divina. Por esta razão, realiza-se sempre os ritos agrícolas, como o “ritual de preparar o terreno cultivado”, “ritual de chamar a chuva”, “ritual de semear o *neli* (arroz)”, “ritual de colheita do *neli* (arroz)” e “ritual de *sau-batar*”. Estes rituais têm conexões entre si, tanto no aspecto de sua realização, como no conteúdo de anunciação das palavras. Nestes, todas as ordens cósmicas se articulam entre si pela palavra. A palavra é, neste sentido, um poder e um fazer acontecer.

Para recordar a memória dos agricultores timorenses (incluindo a dos meus pais, que me cuidaram com o suor derretido no seu corpo nas várzeas e nas hortas), apresento os meus versos, que dedico com um “sentimento de reconhecimento”. Estes simples poemas<sup>1</sup>, escritos por mim na hora em que pensei no “suor incansável dos meus pais debaixo do sol ardente queimador”. Não sou um poeta conhecido dentre dos conhecidos, sou apenas filho de um agricultor que nasceu e

---

\*Professor Auxiliar Convocado no Programa de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade Nacional Timor Lorosa'e. Director da Unidade de Produção e Disseminação do Conhecimento do Programa de Pós-graduação e Pesquisa da UNTL. Editor-chefe da VERITAS – Revista Científica da Universidade Nacional de Timor Lorosa'e.

<sup>1</sup> Poemas de Vicente Paulino, originalmente escritos em tétum e traduzidos para português pelo próprio autor.

Paulino, Vicente. 2017. Sete poemas dedicados à vida dos agricultores timorenses. In *LIAN – Da Poesia à Poética, Caderno de Introdução à Estética*, pp.54-61., Díli: Faculdade de Filosofia da Universidade Nacional Timor Lorosa'e.

LIAN - Da Poesia à Poética

creceu para testemunhar a vida daqueles que trabalham na terra, testemunho que deixo nos simples versos poéticos que apresento a seguir.

Ninguém pode sonhar com a vida luxuosa antes de ter mexido nas lamas da terra. É precisamente isso que acontece com o povo de Timor. Deve-se convidar todos os timorenses a pensar na sua própria história, a ver a primeira luz do mundo, como diz as “preces de um agricultor”:

### **Hamulak agrikultór ida nian – Preces de um agricultor**

Loron ohin ne'e  
Loron ida ne'e  
Ami mai iha imi oin  
Hodi fó ai-han matak

Ai-han foun  
Simu bá no han bá  
Tamba imi mak ami iha  
Tamba imi, ami moris

Ami uma no ahi  
Ami avó sira  
Fó ba imi batar tuan  
Nu'udar fini ba imi

Kari ba iha imi to'os  
kuida bá ho di'ak  
fini foun sei mosu mai  
ami hein atu simu nia.

Hola bá ho fuan  
Kuda bá ho domin  
Haburas ho liman midar  
Keta laran taridu  
Ami ho imi

La husik imi mesak  
Hanoin bá  
Ida ne'e fini roman nian  
Fini lulik nian  
Haburas imi to'os.

Neste dia  
Nesta data  
Vimos ao vosso esplendor  
Para vos oferecer comidas frescas/verdes

Novas alimentações  
Recebei e comei  
Por causa de vocês nós existimos  
Por causa de vocês nós vivemos

Nós de casa e do fogo  
Nós vossos avós  
Dais-vos este milho antigo  
Como sementeiras para vós

Plantais/semeeis nas vossas hortas  
Cuidais bem  
Novas sementeiras aparecerão  
Nós esperamos para as receber

Recebeis com coração  
Plantais com amor  
Cuidais com mãos meigas  
Não ficar dúvida  
Nós estamos convosco

Não vos deixamos sozinhos  
Lembraí/recordai  
Que esta são as sementeiras da claridade  
Sementeiras do sagrado  
Que fazem verdes as vossas hortas.

O mundo dos timorenses está associado à “ligação cósmica”. Os timorenses reconhecem a existência de um poder sobrenatural que opera à escala divina. A forma de invocá-lo é usando as letras para compor as palavras que irão ser pronunciadas numa cerimónia ritualística. Invocar os espíritos de natureza, desde a montanha, a terra, o ar, a água, as pedras e as árvores, é poder proteger e assegurar a vida humana na sua totalidade. Embora dificilmente seja possível dizer na

Paulino, Vicente. 2017. Sete poemas dedicados à vida dos agricultores timorenses. In *LIAN – Da Poesia à Poética, Caderno de Introdução à Estética*, pp.54-61., Díli: Faculdade de Filosofia da Universidade Nacional Timor Lorosa'e.

totalidade, claro que não, a clamação do sagrado justifica-se apenas à escala humana, nem menos, nem mais. O sentido de “ligação cósmica” nesses versos é fundamentalmente associado à oração que um *lia-na'in* pronuncia no momento de realização de um qualquer ritual. Sendo assim, o sentido de “ligação cósmica” que se apresenta aqui não é propriamente uma invocação do *lia-na'in*, mas sobretudo, uma inspiração minha que produz um “sentido próprio” que se assemelha com a fala de um *lia-na'in*. Esta “ligação cósmica” também pode ser declamada por outras pessoas como uma “prece”, de uso pessoal e de uso colectivo, dependendo daquele que acredita no “poder cósmico relacional”.

### Ligasau kosmika – Ligação cósmica

Ha'u uma no ahi	Casa e fogo meus
Ha'u foho no rai	Montanhas e terra minhas
Ha'u fatuk no ai	Pedras e árvores minhas
Ha'u anin no ween	Ar e água meus
Ita mak boot	Sois vós
Ita mak matak-malirin	Vós protector
Ita mak ha'u is	Vós, vida minha
Haburas ha'u isin	Refrescais o meu corpo
Ha'u foho no rai	Montanhas e terra minha
Ramelau-Cablaqui-Loelaco	Ramelau-Cablaqui-Loelaco
Matebian-Taroman-datoi	Matebian-Taroman-Datoi
Imi naran iha ha'u fuan	Vosso nome fica no meu coração
Ha'u fatuk no ai	Pedras e árvores minhas
Fatuk lulik ha'u isin	Pedras sagradas meus corpos
Ai lulik ha'u kllamar	Árvores sagradas almas minhas
Haburas há'u moris	Refrescais vida minha
Ha'u anin no ween	Ar e água
Anin ha'u is	Ar sopra vida minha
Ween ha'u moris	Água, vida minha
Haburas ha'u moris ho ween	Refrescais a vida minha com água

Sou aquilo que sou, e nada mais. Continuo a ajudar os meus pais na construção de “*lutu ba to'os*” (muros para proteger as hortas), mexer na terra, isso foi e é feito nos dias de férias. Sou assim, porque sou de origem da terra cultivada, onde a correria acontece com os búfalos domesticados e estimados nas várzeas cheias de lamas mexidas. Reconheço que sou apenas aquilo que sou, nada muda na minha cor de origem, porque negar é um pesado pecado que a própria natureza não perdoa. Reconheço a minha infância de vida enfeitada pelas lamas da terra mexida pelos búfalos corridos que, de seguida, se limpam pelo vento das águas caídas do céu. Por isso,

Paulino, Vicente. 2017. Sete poemas dedicados à vida dos agricultores timorenses. In *LIAN – Da Poesia à Poética, Caderno de Introdução à Estética*, pp.54-61., Díli: Faculdade de Filosofia da Universidade Nacional Timor Lorosa'e.

esta “mensagem de um agricultor” tem utilidade para todos os filhos que vivem com lamas da terra, enxadas nas costas levadas na hora de visitar a horta e a várzea. É uma mensagem de um “pobre-poeta agricultor” (refere-se a um agricultor anónimo e sábio, não há dúvida nenhuma, senão o meu pai estimado, nascido em Tastil-Memo, casado com minha mãe nascida em Oplegul-Holsa – bela mulher de seu tempo e agora também) que queria deixar a sua “voz lembrada nos limitados versos”, o seu testemunho. Eis o poema por mim escrito para recordar as suas “memórias passadas” e “repassadas” pelo tempo presente e pelo tempo que *há-de-vir*. Por isso, surge nesta folha a “mensagem de um agricultor”:

### **Mensagem de um agricultor**

Um dia estando na várzea  
Era da época da chuva  
Correndo atrás dos búfalos  
Pisando a terra para semear o *neli*  
Sementeiras dos meus ancestrais

Debaixo da chuva torrencial  
Brincando com búfalos as lamas da terra  
Aclamando as letras poetizadas com lamas coladas no corpo  
Afinal, eram versos poéticos dos antigos agricultores  
Que eram dos meus antepassados

Todo o corpo estava a tremer  
Molhados pelas águas torrenciais do céu  
Era a vida da minha família na várzea e na horta  
Que um dia ficará nos versos sem rimas  
Afinal, versos da vida de um agricultor.

Está na hora de dizer a verdade  
A verdade é que estive a pedir um poema às lamas mexidas  
Para não espantar a gente intelectualizada  
Mostrar aqui os versos desenhados com búfalos corridos na várzea  
Não, não pode ficar admirado!  
Que a vida de um agricultor está nos versos bem poetizados

Digo com verdade que sou um pobre agricultor  
Poeta-agricultor analfabeto  
Que ninguém reconhece  
Mas, alguém reconhece-me com todo o seu ser  
E certamente o meu filho que não deita de fora os meus provérbios

Sou um pobre agricultor do nosso tempo  
Sou um agricultor honesto e trabalhador  
Declaro-vos com verdade  
Que sou herói do vosso futuro que *há-de-vir*  
Deixo a minha voz esquecida nestes limitados versos.

O trabalho de um agricultor associa-se a um nome, os “*to'os lulik*”, que é usado como um meio para identificar e reconhecer a imagem dos “*antigos agricultores*”. Estes são designados como sendo “*badain to'os nain*”, ou, por outras palavras, os agricultores dignos que são aqueles que trabalham arduamente sem ter tempo para descansar. Mesmo quando a luz eléctrica do sol queima o seu corpo, a sua alma permanece no labor da acção para fortificar o sentido de “*kolen*” (trad. cansaço) no mundo de vida. Por causa desse “*kolen*” que, em algumas ocasiões de descanso, um agricultor começa a contar história dos avôs que outrora cavaram a terra para lhes dar alimento.

### Ha'u kolen – Estou cansado

Ha'u kolen,  
Ain moras, isin todan  
Fuan nakdedar  
Ai-han la to'o

Estou cansado  
Doem-me os pés, corpo abafado  
Coração amassado  
Comida não chega

Ha'u kolen,  
Maske nune'e  
Ha'u buka atu hetan  
Ai-han diak iha ha'u to'os

Estou cansado  
Mesmo assim  
Procuro para encontrar  
Boa comida na horta minha

Kosar sulin iha ha'u isin  
Ha'u oan dehan, apa deskansa it'uan  
Ha'u hatan, oan labele  
tamba kosar ne'e energia ha'u neon

Suor derretido no corpo meu  
O meu filho disse, pai descansa um pouco  
Respondo eu: filho não posso  
Porque este suor é a energia da minha mente

kosar sulin iha ha'u isin  
domin ba moris di'ak  
emar seluk gosa ho na'ok  
estadu lakon, povu ki'ik terus bebeik

O suor derretido no corpo meu  
É amor de boa vida  
Outra gente goza com o roubo  
Estado perde, pequeno povo continua a sofrer

ha'u kolen,  
maske nune'e  
halimar ho du'ut iha ha'u to'os laran  
buka ai-han matak ba ha'u isin

Estou cansado  
Mesmo assim  
Brinco com ervas nas hortas minhas  
procuro a comida fresca para o meu corpo

ha'u kolen sae foho no tun foho  
dignidade ha'u neon.  
Kosar sulin iha ha'u isin  
Hanesan ween di'ak ba ha'u fuan

Estou cansado de subir e descer a montanha  
Dignidade da minha mente  
Suor derretido no corpo meu  
Como água saudável do meu coração

Emar balun na'ok la kolen  
Semo ba mai, gasta riku-soin estadu  
Buka di'ak, kaer ida ne'e no kaer ida ne'ebá  
halakon aifunan balun ninian furak.

Outras pessoas não se cansam de roubar  
Viajam ida e volta, gastam a riqueza do estado  
Procuram o bem, pegam nestas e naquelas  
Destroem a beleza dalgumas flores encantadas

Oh... natereza timor,  
Foho-lulik, rai-lulik sira  
Tau matan mai ha'u kolen  
Hiki'is kosar iha ha'u isin

Oh ... natureza de Timor  
Montanhas e terras sagradas  
Olham para o meu cansaço  
Afastam o suor no corpo meu.

Um agricultor analfabeto não descansa, nem um minuto que seja. Este trabalha arduamente para melhorar a vida familiar e para sustentar o futuro de seus filhos. Muitas vezes os filhos não valorizam o sacrifício de seus pais, por os considerar analfabetos e “*beik-ten* – ignorantes”. Mas, um filho que nega a existência profissional dos seus pais, que o sustenta e o educa, é um filho que goza a vida acima do suor e sofrimento dos seus pais, e, por tal razão, um pai-agricultor analfabeto faz uma vénia de “lamentações” em palavras e versos.

### Triste ha'u neon – Triste mente minha

Oan ha'u isin  
Triste ha'u neon  
Sulin ha'u kosar  
Halo dalan ba ó lao

Kosar ha'u isin  
Haluha tiha ida ne'e  
Ha'u beik  
Maibe, ha'u la'os beik hanesan ó hanoin

Fos, batar, aifarina  
Foti husi to'os no natar  
Fa'an iha bazar hodi buka aitahan  
Dalan ba ó nia diak

Oan la hanoin ami kosar  
Hanoin goza, hakarak ida ne'e no ida ne'e ba  
La badinas hili aitahan furak  
Triste ha'u neon, klamar ha'u tanis

Triste liu tan kuandu dehan  
Ha'u beik, lahatene buat ida  
ita ha'u oan nafatin  
maske kanek ha'u fuan

Pai, ha'u mak ne'e  
Hakneak ha'u iha ita oin no husu  
Ha'u halo sala ona  
Husu ita haklaken ha'u neon

Oan ha'u isin  
Oan ha'u neon  
ita ha'u oan nafatin  
maske kanek ha'u fuan

Filho da minha carne  
Triste mente minha  
Suor meu derretido  
Faz estrada para te guiar

Suor do meu corpo que te guia  
Já esqueceste disso,  
Sou um analfabeto  
Mas, não sou burro como tu pensas

Arroz, milho, mandioca  
Colhidos nas hortas e várzeas  
Vendidos no bazar em busca das notas  
Caminhos para o teu bem

Filho não pensa do nosso suor  
Pensa em gozar, quer isto e aquilo  
Preguiça na recolha das belas folhas  
Triste minha mente, chora alma minha

Triste ainda mais quando disse  
Sou analfabeto, não sabe nada  
Continuas a ser filho meu  
Embora doe este coração

Pai, este seu filho  
Ajoelho-me diante de si  
Já fiz pecado  
Peço-lhe para abrir coração meu

Filho da minha carne  
Filho da minha mente  
Continuas a ser filho meu  
Embora doe este coração

As lamentações declamadas por um poeta-agricultor analfabeto em seus versos são, de facto, uma das formas possíveis de “criticar” aqueles que não valorizam as “lamas da terra” – doadoras de alimentos para os homens, razão pela qual esse agricultor analfabeto convida a que todos nós



Paulino, Vicente. 2017. Sete poemas dedicados à vida dos agricultores timorenses. In *LIAN – Da Poesia à Poética, Caderno de Introdução à Estética*, pp.54-61., Díli: Faculdade de Filosofia da Universidade Nacional Timor Lorosa'e.

LIAN - Da Poesia à Poética

reconheçamos a importância das “lamas da terra” para a nossa vida. Por isso, declama-se as “lamas da terra” em versos que estão na nossa mente:

### **Tahu rai – Lamas da terra**

Rai-rahun semo  
Anin mak lori  
Monu iha rai  
Sai fali tahu

Pó que sobrevoa  
O vento que leva  
Cai sobre terra  
Torna-se em lamas

Tahu rai nian  
Rai-rahun isin kaluak  
Hamoris emar tomak  
Ho fuan domin

Lamas da terra  
Pó da carne do universo  
Faz viver a gente  
Com coração amável

Rai-rahun isin kaluak  
Ne'ebé habelit an iha anin no sira seluk  
Haburas moris emar tomak  
Fó ai-han ba emar tomak

Pó da carne do universo  
Que está colocado nos ventos e noutros  
Faz crescer a vida da gente  
Dá alimentação para toda gente

Moris aban nian tahu rai mak lori  
Habokon an husi ween lalehan  
Belun emar nian no to'os nain sira nian  
Nune'e, laiha emar ida moris lá ho tahu rai nian

A vida do futuro levado pelas lamas  
Molhadas pelas águas do céu  
Amigo dos homens e dos agricultores  
Pois, ninguém vive sem lamas da terra.

Assim que chega a época da chuva, os agricultores ficam alegres, pois vão com os seus búfalos para as várzeas, correndo com eles, pisando a terra molhada pela água doce do céu infinito. As lamas surgem de imediato e aguardam as sementeiras do *neli* coladas no seu corpo. Lamas criadas pelas corridas dos búfalos do poeta-agricultor, conhecidos por búfalos de Timor, que assim se designam:

### **Karau Timor – Búfalos de Timor**

Karau Timor  
Belun agrikultór sira  
Gosta halimar ho tahu rai iha udan monu  
Mina-morin nia isin

Búfalos de Timor  
Amigos dos agricultores  
Gostam de brincar com as lamas das chuvas caídas  
Perfume refrescante do seu corpo

Ha'u nian nain bolu ha'u  
Mai ba, ha'u karau estimadu sira  
Ita la'o ba natar  
Hodi sama rai bokon

O meu dono me chama  
Venham cá, meus estimados búfalos  
Vamos às várzeas  
Pr'a pisar a terra molhada

Agradese wain ha'u, ha'u karau sira  
Imi ain ne'ebé halo tahu rai  
Natar sira ne'ebé hili tiha ona  
Hahu kari fini

Agradeço eu, búfalos meus  
Os vossos pés fazem lamas  
Várzeas escolhidas  
No início de semear

Paulino, Vicente. 2017. Sete poemas dedicados à vida dos agricultores timorenses. In *LIAN – Da Poesia à Poética, Caderno de Introdução à Estética*, pp.54-61., Díli: Faculdade de Filosofia da Universidade Nacional Timor Lorosa'e.

Paulino, Vicente. 2017. Sete poemas dedicados à vida dos agricultores timorenses. In *LIAN – Da Poesia à Poética, Caderno de Introdução à Estética*, pp.54-61., Díli: Faculdade de Filosofia da Universidade Nacional Timor Lorosa'e.

LIAN - Da Poesia à Poética

Ha'u karau sira  
Makina ha'u ain  
Sama fatuk-to'os  
Hamosu tahu mamar iha rai-to'os

Habelar fini sira iha tahu mamar  
Weem monu husi lalehan hakiak  
Ha'u karau sira deskansa  
Biban ne'e, ha'u hein fini foun sei mosu mai

Búfalos meus  
Máquina dos meus pés  
Pisam pedras duras  
Fazem aparecer as lamas moles da terra seca

Semear as sementeiras nas lamas moles  
Águas caídas que no céu asseguram  
Meus búfalos descansam  
Agora, aguardo a nova semente que há-de-vir